

diálogos ***no espaço democrático***

**UM QUADRO
DRAMÁTICO:
CINCO
CRIANÇAS
ESTUPRADAS
NO BRASIL
A CADA
5 HORAS**



Conversa com
LUCIANA TEMER
Advogada,
doutora em Direito, presidente do
Instituto Liberta





diálogos no espaço democrático são publicações do Espaço Democrático, a fundação para estudos e formação política do PSD

“60% DOS ESTUPROS ACONTECEM DENTRO DA CASA DA VÍTIMA”

A mais recente edição do *Anuário Brasileiro de Segurança Pública* revela crescimento dos registros oficiais de **estupro de vulnerável**, como a lei define qualquer tipo de relação sexual, consentida ou não, com crianças de até 13 anos.

Presidente do Instituto Liberta, organização não-governamental que se dedica ao enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes, a advogada e doutora em Direito Constitucional **Luciana Temer** alerta para um quadro dramático: hoje, são registrados cinco estupros por hora contra menores de até 13 anos no Brasil.

Luciana falou sobre o tema em reunião do Espaço Democrático realizada em julho de 2025. “Apesar da gravidade dos casos de feminicídio, são as crianças e adolescentes as maiores vítimas do estupro no Brasil”, disse ela: “Do total de vítimas vulneráveis, 83,22% são meninas e 16,78%, meninos. E a subnotificação é grande, estimamos que só há registro de 10% do que de fato acontece”.

Outra revelação chocante: “O estupro de vulnerável é uma violência intrafamiliar. Mais de 60% dos estupros acontecem dentro da casa da vítima. E mais de 80% por familiares ou conhecidos, especialmente pais ou padrastos”.

Esta é a íntegra da palestra de Luciana Temer.



Participaram da reunião, coordenada pelo jornalista **Sérgio Rondino**, o gestor público e empresário **Andrea Matarazzo**, o superintendente da fundação, **João Francisco Aprá**, os economistas **Luiz Alberto Machado** e **Roberto Macedo**, o cientista político **Rogério Schmitt**, o sociólogo **Tulio Kahn**, o gestor público **Mário Pardini**, o professor pós-doc da USP **José Luiz Portella**, o médico sanitarista e ambientalista **Eduardo Jorge**, o advogado **Roberto Ordine**, a secretária do PSD Mulher nacional, **Ivani Boscolo**, o coordenador nacional de Relações Institucionais da fundação, **Vilmar Rocha**, e o jornalista **Eduardo Mattos**.

Sérgio Rondino - Olá. Estamos iniciando mais um diálogo no Espaço Democrático, com a participação dos consultores e colaboradores da fundação de estudos do PSD, o Partido Social Democrático. Hoje vamos discutir mais um dos grandes problemas brasileiros: a violência contra crianças e adolescentes. Para isso, convidamos a doutora Luciana Temer, advogada, professora universitária e presidente do Instituto Liberta, organização do terceiro setor dedicada ao enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes.

A doutora Luciana foi delegada de polícia no Estado de São Paulo por cinco anos. Foi secretária de Juventude, Esporte e Lazer do Estado de São Paulo no primeiro governo de Geraldo Alckmin. Foi também secretária de Assistência e Desenvolvimento Social do município de São Paulo na gestão de Fernando Haddad. Ela é doutora em Direito Constitucional pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde leciona desde 1993. Doutora Luciana, seja bem-vinda ao Espaço Democrático.

Luciana Temer - Muito obrigada. Acho um privilégio poder falar em um espaço como esse, um espaço decisório. Quero agradecer pelo convite que me fizeram, através do Andrea Matarazzo. O que eu vou compartilhar com vocês é um pouco do que aprendi ao longo desses oito anos à frente do Instituto Liberta, uma organização de enfrentamento, de comunicação e conscientização sobre a questão da violência sexual contra crianças e adolescentes no País.

Há oito anos, quando fui convidada pelo empresário Elie Horn para montar um instituto de enfrentamento da violência sexual infantil, ele tinha uma obsessão pela exploração sexual de crianças e adolescentes a partir de uma série de reportagens feitas pelo Gilberto Dimenstein, publicadas pela *Folha de S.Paulo*. O Gilberto fez essas matérias a partir de um livro que publicou, que tem o título de *Meninas da noite*. É um livro terrível, sobre exploração sexual de crianças e adolescentes.

Elie ficou muito impactado quando leu, há muitos anos, e tentou trabalhar isso no instituto - chegou a montar e desistiu. Quando eu estava saindo da gestão do prefeito de São Paulo Fernando Haddad, o Elie me convidou para uma conversa sobre o tema. Queria fazer alguma coisa. E eu tenho que confessar que, na época da primeira conversa, quando ele me falou da violência sexual infantil - e eu fui ainda na condição de secretária, levando alguns poucos dados que nós tínhamos sobre exploração sexual - eu disse a ele: este tema, violência sexual infantil realmente é uma coisa muito dura, que nos dá um mal-estar, mas é uma questão residual. É o que eu pensava há oito anos. Uma questão residual, caso de polícia. E perguntei: por que nós não enfrentamos uma questão mais estrutural? Na minha cabeça, naquela época, o que era a questão mais estrutural? Violência contra a mulher. Para mim, sempre foi uma questão muito estrutural, para a qual tive forte militância ao longo da vida, inclusive como delegada, na Delegacia de Defesa da Mulher em Osasco, durante cinco anos.

E eu fiz uma brincadeira com o Elie na época, porque era uma coisa em que eu acreditava. Eu disse

assim: o senhor quer acabar com a exploração sexual de crianças? O senhor está disposto a tudo? Então vamos acabar com a miséria no País, vamos acabar com a desigualdade social. Acabou com a desigualdade social, acabou com a exploração sexual de crianças e adolescentes.

É verdade em parte. Hoje eu me lembro dessas falas minhas de oito anos atrás e vejo o nível de desconhecimento que eu tinha. Porque, primeiro, esta não é uma questão residual, é estrutural, que antecede a questão da violência contra a mulher. Hoje, é assim que eu enxergo. E a exploração sexual também não se dá só a partir da miséria. Se dá a partir de uma sociedade capitalista, que gera o desejo de consumo. Não são só meninas miseráveis nem meninos miseráveis que estão submetidos à exploração sexual. Então, acho que esta questão tem uma complexidade que é muito grande e que eu vou tentar dividir com vocês a partir do que eu aprendi.

Há consequências dessa violência que nós enfrentamos - por exemplo, a evasão escolar. É um tema que é tratado regularmente, mas quantas pessoas conectam a evasão escolar com a violência sexual? Quantas pessoas conectam a gravidez na adolescência com a violência sexual?

Nós temos cinco bebês - o dado oficial é do ano passado, de 2024 - nascendo por hora, no Brasil, todos filhos de mães de até 15 anos. Por hora. Há muitas questões que nós enxergamos como sociedade, mas nós não conectamos à violência sexual infantil. E hoje eu conecto. É um fator muito importante de outras violências, como o feminicídio, a violência contra a mulher.

Saiu em julho deste ano o Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Há quatro anos eu escrevo uma análise sobre os dados de violência sexual contra crianças e adolescentes. E essa minha conexão com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública se deu a partir do momento em que a gente montou o instituto, porque o Elie me disse que queria cuidar disso. Sugerir fazer o seguinte: eu estruturaria um instituto e arrumaríamos alguém muito legal para ficar à frente dele. Só que, no momento de estruturar o



instituto para ele, eu entendi que esse assunto era muito sério. Fiquei, e estou aqui até hoje, oito anos depois.

O Fórum Brasileiro de Segurança Pública, no anuário, vinha trazendo um dado que eu já estudava há muito tempo, a violência sexual contra mulheres, estupro de mulheres. Então, o Anuário já vinha batendo há algum tempo na questão da violência contra mulheres e da violência sexual contra mulheres. Quando a gente montou o instituto, eu comecei a provocar a Samira Bueno, do Fórum. Perguntava: Samira, quem é essa mulher? Ela respondia que era complicadíssimo. Porque o Fórum Brasileiro faz um trabalho maluco: colhe as informações de todos os boletins de ocorrência do Brasil. Escrevi um artigo para o Estadão sobre a questão dos boletins de ocorrência. Eu não me conformo que boletins de ocorrência não sejam unificados no País inteiro, quando os crimes são os mesmos, os crimes são

previstos nacionalmente. E você não tem boletim de ocorrência unificado. Digitalizados, nem se fala.

Mas, enfim, o fato é que ele faz esse trabalho hercúleo e com um dado muito interessante, porque há sete anos, que é o período ao qual me refiro, eram registrados estupros, mas não diferenciavam, na maioria dos boletins de ocorrência, o estupro do estupro de vulnerável, que são dois crimes diferentes. O estupro, todos sabemos o que é - mas precisamos explicar que estupro não precisa ter penetração, isto é um conceito que muitas pessoas, principalmente nós, mais velhos, tínhamos na cabeça. Até 2009, o estupro, para ser configurado, exigia penetração. A partir de 2009, com a reforma do Código Penal, estupro passou a ser qualquer ato libidinoso. E a partir daí também foi separado o estupro do estupro de vulnerável. O que é o estupro de vulnerável? Qualquer relação sexual com menor de 14 anos significa estupro. Não importa se houve ou não um

pseudo-consentimento porque há a presunção de violência em razão da idade. Então, apesar de o estupro de vulnerável ter entrado no código em 2009, os boletins de ocorrência continuavam registrando estupro e não estupro de vulnerável.

Em 2018, o Fórum fez um trabalho super minucioso, identificando a idade das vítimas, e conseguiu, pela primeira vez, em 2019 - vejam que estupro de vulnerável é de 2009, no Código Penal; em 2019, então dez anos depois -, graças à troca de provocações, separar o estupro do estupro de vulnerável. E foi quando, pela primeira vez, enxergamos que mais de 57% dos estupros no Brasil eram contra menores de 14 anos. Esse número hoje está em 64,1%. Eu posso falar com segurança: mais de 60% de todos os estupros, no Brasil, são contra pessoas de até 13 anos. Se você puxa essa régua até 17 anos, isso dá cerca de 75% dos estupros.

Então, acho que o primeiro dado sobre o qual a gente precisa ter clareza, para resolver a questão da violência sexual, é que quem é estuprado, no Brasil, é principalmente criança e adolescente. Depois de 17 anos, cai vertiginosamente o índice de estupro. Mais de 75% dos estupros são contra meninas e meninos de até 17 anos. Quando você pega o recorte do estupro de vulnerável, só por idade, até 13 anos, são 60% dos estupros. Deste número, 85% são contra meninas e 15% contra meninos. Nós estamos falando de cinco estupros por hora no País, registrados, contra menores de 13 anos. Registrados.

Gente, esse é um dado que tinha que estar em todo lugar. Esse dado é invisível. Nós temos cinco registros de estupro de vulnerável por hora no País. São só menores de 14 anos. Crianças de até 13 anos. São cinco por hora. Daí se sabe que 15% não é pouco para os meninos. A maioria dos registros de meninas é na faixa entre dez e 13 anos de idade. De meninos, entre cinco e nove anos de idade.

Este ano, os dados do Anuário Brasileiro de Segurança mostram um fenômeno interessante. Proporcionalmente, ano a ano, vem aumentando o número de registros de estupros e também de estupros de vulnerável. Só que o número de registros de estupro

de vulnerável sobe percentualmente mais do que o de estupro em geral. Então, o índice de aumento de estupro, em 2024, foi de 1,3% em relação a 2023. Mas quando pegamos o recorte de estupro de vulnerável, temos 6,3% de aumento. Proporcionalmente, o estupro de crianças aumentou muito mais do que o estupro em geral. E quando olhamos o recorte de meninos em relação às meninas, constatamos que o aumento foi de 10,3%. Ou seja, também estão crescendo os registros de estupro de meninos.

Agora eu vou fazer uma pausa para reflexão. O que está aumentando? São os casos ou são os registros? Eu sou otimista. Eu acho que são os registros. Porque há uma onda mundial de retirada da violência sexual infantil da invisibilidade - e o Instituto Liberta colabora com esse esforço. Então, o tema é mais falado, as pessoas estão contando casos de violência que sofreram, desnaturalizando essa violência - e estou falando aqui de pessoas famosas. Muitos homens, nos últimos dois, três anos, começaram a contar casos de violência sexual que sofreram na infância.

Porque há a questão da invisibilidade. Nós fizemos uma pesquisa com o Datafolha, em 2022, que mostrou alguns dados importantes. Foi uma pesquisa muito bem feita, faço questão de dizer isso. Não foi uma pesquisa qualquer, foi uma pesquisa construída para que essa verdade surgisse. Então, a pessoa recebia um tablet e respondia se quisesse, anonimamente. Preenchia os dados de idade, nível escolar, renda etc, mas anonimamente. Dessa pesquisa do Datafolha, 32% dos entrevistados se reconheceram vítimas de alguma violência sexual antes dos 18 anos. Não obrigatoriamente estupro. Poderia ser exposição a pornografia... vários tipos de violência sexual. Então, 32% sofreram algum tipo de violência sexual na infância, dos quais só 11% denunciaram, o que eu acho mais grave. Só 26% tiveram coragem de contar para alguém, para uma pessoa, o que aconteceu. Isto virou manchete da Folha em um domingo: 32% da população sofreu alguma violência sexual.

E quando a pesquisa perguntava por que não havia denunciado, a resposta preponderante era: para



ACHO QUE O PRIMEIRO DADO SOBRE O QUAL A GENTE PRECISA TER CLAREZA É QUE QUEM É ESTUPRADO, NO BRASIL, É PRINCIPALMENTE CRIANÇA E ADOLESCENTE. MAIS DE 75% DOS ESTUPROS SÃO CONTRA MENINAS E MENINOS DE ATÉ 17 ANOS. QUANDO VOCÊ PEGA O RECORTE DO ESTUPRO DE VULNERÁVEL, SÓ POR IDADE, ATÉ 13 ANOS, SÃO 60% DOS ESTUPROS. DESTE NÚMERO, 85% SÃO CONTRA MENINAS E 15% CONTRA MENINOS. NÓS ESTAMOS FALANDO DE CINCO ESTUPROS POR HORA NO PAÍS, REGISTRADOS, CONTRA MENORES DE 13 ANOS. REGISTRADOS!"

não expor a minha família. Porque a gente sabe que essa é uma violência intrafamiliar. Mais de 60% dos estupros acontecem dentro da casa da vítima. E mais de 80% por familiares ou conhecidos. O dado que nós temos, de 2023 - depois disso o Fórum não conseguiu mais retirar esse dado -, é que 44,4% eram praticados por pais ou padrastos.

Então, a gente está falando de uma violência que é intrafamiliar, portanto, sigilosa, silenciosa, não notificada. Quando eu falo de cinco registros de estupro por hora, na verdade isso significa 10% do que de fato acontece. Então, acho que é muito importante a gente ter essa dimensão, de que nível de violência estamos falando.

Mas há graus diferentes de violência. Como eu disse, o estupro não tem obrigatoriamente penetração, mas toda violência sexual tem um trauma e cada trauma é único. Cada experiência de violência é única e depende não só dela em si, mas de como ela é traduzida depois, é acolhida depois. Então, a gente vê que há situações de violência sexual nas quais a criança é acreditada e acolhida, e tem certa repercussão. E há outras situações nas quais ela é desacreditada pela própria família, e tem outra repercussão. Então, não importa muito se eu estou falando de um estupro que teve penetração e resultou em gravidez ou de uma violência sexual considerada mais leve. Porque a verdade é que cada

criança vai reagir de uma forma. Só que há baixa autoestima, depressão, tentativas de suicídio... Hoje, há vários estudos conectando essas situações de saúde mental à questão da violência sexual na infância. O que é compreensível.

Falei sobre violência sexual, estupro de vulnerável e vou mudar de foco, falar de exploração sexual. Mas antes quero dizer uma coisa: a violência sexual infantil, o estupro de vulnerável, não acontece só na alta vulnerabilidade social. Enquanto a gente não entender isto, não vai enfrentar essa questão.

Dois mitos que estão caindo. Primeiro: a violência sexual está em todas as classes sociais. Eu falo isso com a maior tranquilidade. Cadê o dado? Não existe. Porque, obviamente, no boletim de ocorrência não há o recorte de renda e é muito correto que não tenha. Mas a verdade é que há oito anos eu estou nessa história e escuto relatos: são pessoas da nossa classe social que viveram violências intrafamiliares. Hoje, a gente começa a escutar isso com mais frequência. Esse é o primeiro mito.

Segundo mito, antes de passar para a exploração sexual, é a história do pedófilo. É muito importante que a gente entenda o que é pedofilia e qual é a relação que isso tem com a violência sexual. Porque a pedofilia é um transtorno reconhecido pela Organização Mundial de Saúde. O que é pedofilia? É a atração irresistível por menores impúberes. Isto é definição médica de pedofilia, é um transtorno. E tem que ser tratado, medicado. Mas o pedófilo pode praticar um crime. E não me importa, pessoalmente, se ele é pedófilo ou não é pedófilo, ele é um criminoso porque está assim tipificado no Código Penal.

Mas é muito importante que a gente saiba que menos de 20% dos homens que praticam violência sexual contra crianças podem ser diagnosticados com o transtorno mental da pedofilia. Esse é um estudo da Universidade de São Paulo, estudo de psiquiatria orientado pelo professor Arthur Guerra, que fez um levantamento entre os homens presos por abuso nos presídios de São Paulo – mas há estudos mundiais que mostram isso. Menos de 20% podem ser diagnosticados com o transtorno mental da pedofilia.

Então, do que falamos quando não estamos falando de uma doença, de um transtorno? Nós estamos falando de uma cultura. Eu não gosto muito de usar esse termo, porque cultura é uma coisa maravilhosa, mas o fato é que é uma prática, e a sociedade permite essa prática de alguma maneira, seja com o silêncio, seja em desacreditar que essa violência exista em certos âmbitos, inclusive. Porque a verdade é que quando um ex-presidiário é acusado de estupro a sobrinha, todo mundo acredita. Mas quando um médico ou advogado é acusado de molestar a neta, ninguém acredita. O fato é que nós temos este estereótipo: quem é capaz e não é capaz de praticar esses delitos.

Então, a gente precisa vencer isso porque está falando de pessoas que estão inseridas socialmente. Uma boa parte dessa violência é praticada por pessoas que estão socialmente inseridas, que não são pedófilos, mas que se sentem autorizados. Inclusive pela situação de relação de poder que exercem sobre as pessoas. Seja na relação intrafamiliar, seja na relação religiosa, seja na relação do professor, da professora, com o estudante.

Eu falo sempre no masculino porque a maioria dos casos, dos registros, são praticados por homens, mas há mulheres que praticam violência sexual. E aqui tem um outro dado que é superimportante entender. Como a violência sexual praticada por mulheres não é enxergada pela nossa sociedade. Porque uma menina de 11, 12 anos que sofre uma violência, todo mundo reconhece como violência. Agora, quando um menino de 12 anos tem uma primeira relação sexual com uma mulher de 30, na nossa sociedade ele é visto como um sortudo, entendeu? Ele é um sortudo. “Pô, sua prima, cara, não acredito, amiga da sua mãe”... Entendeu? Ele nem tem o direito de se reconhecer vítima. Só que isso tem consequências também, quem estuda a questão sabe que depois há outras consequências que surgem e a pessoa vai ter que lidar a partir disso.

Vou contar uma outra história. Fiz uma palestra em um presídio só de abusadores, o Parada Neto, em Guarulhos (SP). Foi em 2022, nós estávamos fazendo a campanha “Agora Você Sabe”, convidando



pessoas que se reconhecessem vítimas de alguma violência sexual a somarem vozes com a gente. Uma campanha muito bonita, que foi parar na mão do papa Francisco. A gente fez uma passeata com todos os rostos e vozes não identificados falando de violência sexual. Então, tinha uma realidade: fui vítima e agora você sabe.

Fiz uma parceria com a Administração Penitenciária de São Paulo para levar essa campanha para dentro de alguns presídios. Falei em três presídios e um deles era só de abusadores. Falei para 50 homens presos por abuso. Expliquei quais são as formas de

violência sexual, o que é caracterizado no Código Penal como violência sexual. E disse: olha, eu não estou aqui para julgar ninguém; cada um sabe dos seus motivos, da sua vida, mas o que eu acho, e a gente aposta, é que se essas questões tivessem sido conversadas quando vocês eram crianças, talvez alguns de vocês não estivessem aqui.

Eu acabei de dar a palestra, imaginei um silêncio. Pensei: agora vem um silêncio, vou agradecer e vou embora, porque o convite era para quem se sentisse vítima. E um corajoso levantou a mão e falou assim: “Ô, doutora, a senhora falou aí tanta coisa que eu

nunca pensei. Eu vou contar a minha história e a senhora me diz se eu fui vítima de violência sexual?”. E aí ele me contou a seguinte história: ele tinha nove anos e o padrasto resolveu que ele tinha que virar homem. E que para virar homem o melhor jeito era ele assistir o padrasto se relacionando sexualmente com a mãe. E ele era obrigado a assistir. E aí eu perguntei o que ele sentia. Ele falou: “Ah, doutora, eu tinha vontade de botar fogo na casa, matar os dois, mas eu sabia que ele estava me ensinando”. Eu disse que ele tinha sido vítima de uma enorme violência sexual, pelo Código Penal. E que se aquilo havia levado ele ao presídio ou não, ninguém saberia porque a gente não tem bola de cristal. Ajudar, não ajudou. E disse que se o padrasto dele deveria estar preso por isso, eu também não sabia, porque talvez ele tivesse aprendido assim com o pai dele. Porque nós estamos falando aqui de uma prática, um não saber, um desconhecimento, uma ignorância. Ah, mas o fazendeiro rico também leva o filho de 13 anos para a zona, para desvirginar. Ainda acontece isso. Então, eu não estou falando só de uma ignorância financeira. Estou falando de uma cultura. Esse é um contexto mais largo.

Agora vamos falar da exploração sexual. Tecnicamente, o estupro de vulnerável é qualquer ato libidinoso com menor de 14 anos. A exploração sexual, pelo Código Penal, é qualquer relação sexual que se dê entre um adulto e um adolescente entre 14 e 18 anos em troca de algo. A partir dos 14 anos, meninos ou meninas podem se relacionar sexualmente com quem bem entenderem, desde que não seja comprado. E aqui não precisa ser dinheiro, pode ser qualquer troca mercantil.

Dado objetivo: a Polícia Rodoviária Federal tem há muitos anos um projeto muito bonito, chamado Mapear, com a Childhood Brasil. Mapeia os pontos vulneráveis de exploração sexual nas rodovias federais. O último dado disponível, acho que de 2024 ou 2023, não me lembro, mapeou mais de nove mil pontos, classificados entre extremamente vulneráveis, vulneráveis e sujeitos a risco. Então, vejam que não estou falando de centro da cidade, de praias, de festas, de nada disso. Estou falando de rodovias fe-



derais. No total foram 17 mil pontos, mais de nove mil pontos extremamente vulneráveis.

Sabem quantos registros nós temos de exploração sexual? No último anuário, 1.200 registros no Brasil inteiro. Nós fizemos uma pesquisa em 2018,

com o DataFolha, para entender a percepção do brasileiro sobre a exploração sexual. A maioria das pessoas entrevistadas sabia que isso configurava crime - ter relação sexual em troca de dinheiro com menor de 18 anos -, mas do universo de pessoas

que tinham conhecimento dessa situação, ou tinham visto, presenciado, só 24% denunciaram. Por que só 24% denunciaram? Porque eu não tenho nada a ver com isso, porque a menina está ali porque ela quer, porque o menino está ali porque ele

quer... A criança, o adolescente, perde a condição de vítima aos olhos da nossa sociedade. Eu não estou exagerando. Tem uma decisão do Superior Tribunal de Justiça, de 2009 – para mim, 2009 foi ontem –, sobre um fazendeiro de 79 anos que pagou para ter relação sexual com uma menina de 13 anos e outra de 15 anos. Pagou 5 reais. Ele foi absolvido. E o argumento do STJ foi de que as meninas eram prostitutas conhecidas da cidade.

Quando você tem um tribunal superior no País que diz que uma menina de 15 anos é uma prostituta conhecida da cidade... É disso que a gente está falando. Então, é uma cultura. Uma cultura de violência.

O último dado que eu tenho de evasão escolar é de 18%. Saíram pesquisas mais recentes, mas sempre com um índice alto – o que eu gravei foi 18%, que é de, acho, 2010 ou 2013. A evasão escolar de meninas, no Brasil, se dá em razão da gravidez precoce: 18%. Na última pesquisa feita, gravidez precoce foi apontada como a segunda causa de abandono da escola. A primeira é a necessidade de trabalhar, para os meninos; para as meninas, a necessidade de cuidar de alguém da família, que pode ser, inclusive, o próprio filho. E temos como segunda causa de evasão escolar para as meninas a gravidez precoce. Então, temos as meninas saindo da escola, não se capacitando, não conseguindo inserção no mercado de trabalho e, aí, sujeitas à exploração sexual, à violência doméstica.

Nós temos que olhar para o feminicídio, mas vocês conhecem aquela historinha, que é bem boba, mas que é tão legal? Dois caras estavam embaixo de uma cachoeira e de repente caiu uma criança. Eles salvaram a criança e, em seguida, caiu outra. Salvaram. Caiu outra, e mais outra, e mais outra. De repente, um deles sai da água e o outro pergunta: “Você está louco, você não vai salvar as crianças?” “Não, eu vou lá em cima ver quem é que está jogando essas crianças”.

Porque é o seguinte: a gente está olhando quem está caindo, e não está olhando quem joga lá de cima. A violência sexual é a causa de tudo? Óbvio que não. Mas os nossos índices são muito altos.

A gravidez na adolescência, gente, tem vários fatores. Quando eu era secretária de Juventude, fui dar uma palestra em Cidade Tiradentes, na periferia de São Paulo, e me falaram do empoderamento que as meninas que engravidam ganham nessas comunidades. Elas ganham relevância quando são mães. Então, há quase um desejo de engravidar. Agora, vejam bem, como é que a gente sabe se essas meninas também já não estavam submetidas a formas de violência? Porque a violência vai gerando naturalização da própria violência. Há um livro maravilhoso da Eliane Trindade, jornalista da *Folha de S.Paulo*, que tem o título *As Meninas da Esquina*. Tem 17 anos, esse livro. Ela entrevistou cinco meninas em situação de exploração sexual infantil. As meninas fizeram diários. E ela fez uma análise desses diários. Gente, essas meninas foram submetidas a violências de várias ordens até chegar na exploração sexual, até chegar na gravidez.

E aí eu digo que não é só a miséria. A miséria, sim, mas é esse desejo de consumo. Tem muita menina aqui, no Terminal de Cargas Fernão Dias, que se deixa explorar sexualmente para trocar de celular. Qual é a necessidade básica do celular? Assim como o menino vai para o tráfico por causa do tênis novo. A gente está em uma sociedade em que ter é o status. Eu sou legal quando eu tenho. Eu preciso ter. E qual é o preço desse ter? Gente, eu vou dizer para vocês – estou em um espaço muito qualificado aqui. Vocês conhecem um site chamado *Meu Patrocínio*? É um site de relacionamento, está na moda. O *Meu Patrocínio*, na verdade, é um desses sites de relacionamento – na verdade esses sites são grandes cafetões digitais. Eles dizem que apresentam acompanhantes. E a chamada é assim: as mais lindas babies para os mais ricos *daddies*. *Sugar daddies*. Então, *sugar babies* e *sugar daddies*. Isso é lícito. Tipo as *bets*. É lícito. A gente está falando de uma sociedade que tornou isso lícito. Saiu uma matéria na *Veja*, quando foi lançado o *Meu Patrocínio*, enaltecendo essas novas formas de relações.

Agora, é o seguinte: no *Meu Patrocínio* tem meninas de 15, 14 anos de idade. Eu sei. Por que eu sei? Porque a gente fez trabalho em escolas públicas do



interior, onde as meninas contavam que estavam no site. E sabe por que elas estavam? Para ganhar uma bolsa de marca. Aí você entra no YouTube e vê uma menina de 20 anos, 20 e poucos anos, com um vídeo de propaganda do *Meu Patrocínio*. E ela diz o seguinte: “Eu tenho 23 anos, já conheço mais de cinco países, tenho mais de 50 bolsas de marca. E sabe como eu consegui isso aos 23 anos? Com o *Meu Patrocínio*.” E começa a enaltecer, destacando que as pessoas vão dizer que é perigoso, que você não deve entrar, mas não acredite, vá atrás do seu sonho, busque o seu sonho. É disso que a gente está falando.

Tudo isso é uma linha que se constrói ao longo de muito tempo. A violência sexual on-line não é nada mais do que a violência real levada para o mundo virtual. Não foi criado nada novo no mundo virtual.

Há consequências perversas, terríveis, da violência on-line. Precisa ser enfrentada, as plataformas precisam ser responsabilizadas. É uma loucura o que acontece com crianças e adolescentes nessas plataformas. Mas isso é retrato de algo que já está aqui no mundo real. A gente só está com esse retrato. E a gente precisa enxergar, porque isso tem consequências muito perversas.

Tem um estudo da Associação Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia que mostra que a chance de uma menina que engravidou na adolescência voltar a engravidar no ano seguinte é de 30%. Como é que a gente não para e olha para isso? Como a gente não está enxergando isso aqui?

Mas é muito difícil fazer esse enfrentamento. Outro dia eu estava conversando com um sujeito que é médico, atende voluntariamente em um hospital no

litoral Norte e está muito assustado com a quantidade de casos de violência, abusos infantis que vê. A Mariana Ferreira, que é perita criminal, fala que de dez casos de violência sexual que ela atende, oito são bebês, crianças ou adolescentes. Então, é dessa violência que a gente está falando. E esse médico contou que conversou com o delegado e ouviu o seguinte: “É muito complicado isso, porque imagina que essas pessoas, esses homens, sustentam suas casas. Se a gente prender todo mundo, o que vai acontecer com essas famílias?”

A fala dele não é irreal. Mas a gente precisa acordar e mudar isso. Eu viajei por aquela região do Marajó, eu fiz o rio Tajapurús várias vezes, para entender aquela comunidade. Vocês já assistiram Manas, da Marianna Brennand? Ganhou mil prêmios internacionais. É como elas se chamam lá nessa região, manas. É uma ficção gravada no Marajó, mas a partir de cinco anos de pesquisa. Eu tive a oportunidade de ler o roteiro em 2017. E a gente discutiu muito esse roteiro na época. A Mariana fez um filme maravilhoso, que é uma ficção, mas muito real. Só o final, que eu não vou dar *spoiler*, que é hollywoodiano, mas o resto é muito real.

Em Marajó eu me perguntava: vou prender toda uma comunidade ribeirinha? Porque essa é uma prática, a prática do pai ter muitas vezes a primeira relação com a filha e depois ela ir para as balsas. Gente, estamos falando de uma realidade do País. Agora, a violência sexual infantil é um problema de país subdesenvolvido ou de um país de miséria? Não. Há na Suíça um problema gravíssimo de violência sexual infantil. Tem nos Estados Unidos um problema seríssimo de violência sexual infantil. No mundo. Por quê? Porque é essa violência intrafamiliar. Não é exploração sexual. Quando falamos do recorte de exploração sexual, é um recorte de vulnerabilidade social. Antes dessa explosão de violência on-line pós-pandemia, tínhamos um recorte de exploração sexual de meninas de maior vulnerabilidade social e meninos, que também cresceu. Depois da pandemia, acabou essa história. Hoje a violência on-line pode se dar como estupro, como exploração sexual e desenvolvimento de material

pornográfico infantil. E aqui tem um fator interessante: quanto maior a privacidade da criança, do adolescente, quanto melhor a webcam que ela tem, mais fácil essas pessoas chegarem nessas crianças, nesses adolescentes. Porque na privacidade do meu quarto eu posso fazer o que eu quiser.

E quando você fala de alta vulnerabilidade, essa privacidade não existe. E quando você fala de classe média ou classe média alta, sim. E quer saber a verdade? É porque essa violência chegou na classe média, média alta, é que começou a se falar disso, de violência on-line. Porque essa violência está ali, agora. Então, precisamos olhar para isso muito profundamente.

Qual é o problema? O problema disso é o seguinte: quando você fala de violência sexual infantil, imediatamente, quais são as políticas que surgem? Lei penal mais grave. Aí você tem castração química tramitando no Congresso Nacional, que é uma bobagem infernal. A castração química existe em alguns países e não é chamada de castração química – na verdade são processos inibitórios de libido. Uma pessoa que é doente precisa se tratar. E às vezes a inibição da libido pode ser um tratamento. Mas, gente, se 80% não tem problema de doença, então, para que serve a castração química? E quando estudamos para valer aquela lei, é ridículo, porque ela favorece o estuprador. Porque se o cara declara que vai fazer o tratamento, ele pode ter livramento condicional. Então, é uma bobagem. Depois tem a história do cadastro de pedófilos. Eu escrevi sobre isso também para a Folha. Uma bobagem, já saiu o Cadastro Nacional de Pedófilos. Já havia um cadastro que era importante, uma informação entre polícias. Este sim tinha relevância, era importante. Agora, um cadastro para tornar público o nome de pessoas condenadas? Eu não vejo utilidade nenhuma nisso. Há muito erro judiciário, a gente sabe. As pessoas ficam marcadas para todo o sempre. Eu acredito que uma pessoa que abusou de uma criança e está presa pode compreender o que fez e pode nunca mais fazer o que fez, se não for um pedófilo. Então, acho isso uma bobagem.

Mas, do que não se fala? Não se fala de educação



nas escolas, por exemplo. A Oprah Winfrey, entrevistadora norte-americana, sofreu violência sexual e engravidou aos 12 anos, de um tio. E ela é uma das mulheres mais poderosas do mundo hoje e tem essa bandeira do enfrentamento à violência sexual. Tem um vídeo dela no YouTube que eu gosto muito, no qual ela entrevista abusadores em um presídio. E eu sempre falo desse vídeo porque tem coisas muito emblemáticas. Quando se fala de violência sexual se pensa em dor, sofrimento. Só que a violência sexual contra crianças pequenas normalmente se dá a

partir de processos de sedução e não de violência. É a partir do desconhecimento da criança que essas violências acontecem. Ela entrevista alguns abusadores. Um é o avô que abusava da neta de cinco anos e ela pergunta para o avô: “Como é que você fazia para ela não contar?” Ele responde: “Eu falava a verdade; se ela contasse, o pai dela ia me bater; se ela contasse da nossa brincadeira, o pai dela ia ficar com ciúmes, ia me bater e nunca mais a gente ia poder se encontrar. Só que ela gostava muito de mim. E ela não queria que isso acontecesse.”

Outra fala importante, quando ela pergunta para outros: “Você já desistiu de abusar de alguma criança?” Esses tinham um perfil de abusadores contumazes mesmo. Um deles responde: “Sim, quando ela disse não”. Vejam, quando ela disse não. Porque não estou falando de uma arma na cabeça, estou falando de processos intrafamiliares, são processos sedutores. Depois vem as ameaças, mas as primeiras atuações normalmente não são violentas, são sedutoras e a pessoa não quer ser desmascarada porque ela é alguém que está integrando aquela sociedade. Então, se a criança diz “não, eu vou contar, eu vou gritar”... Eu brinco porque é como uma casa com cachorro. Quem põe cachorro de guarda numa casa sabe que o bandido pode ir lá e dar um tiro no cão. Mas espera que, entre uma casa com cachorro e outra sem, o bandido vá na casa que não tem. Essa é a nossa expectativa. Uma criança sabe, outra não sabe, eu vou na que não sabe. Por isso temos que falar de prevenção. E o Liberta tem batido nisso, prevenção, educação nas escolas para prevenção de violência sexual contra crianças e adolescentes. E, a partir da adolescência, falar sobre sexualidade saudável e responsável com jovens.

Quer ver uma coisa que aconteceu? A gente fez uma parceria com o governo do Estado de São Paulo, em 2019, para um programa chamado “Tá Na Hora de Falar Sobre Violência Sexual Infantil”. Trabalhamos nisso com quatro escolas do interior do Estado e duas aqui no bairro de Capão Redondo, na periferia de São Paulo. E a Amanda Sadala, que hoje é presidente do Instituto Serenas, fez pessoalmente um encontro com 30 jovens, meninos e meninas. Eram perguntados sobre o que você reconhece como violência, o que é violência sexual, o que é exploração. Ia trazendo para a discussão e consciência. Várias situações aconteceram. Mas uma menina de 15 anos ligou para ela e falou: “Eu queria te agradecer. Porque eu recebi um convite para sair com um amigo do meu tio. E todas as minhas

amigas já saíram por dinheiro. A gente transa com quem a gente quer, por que a gente não vai ganhar para isso? Mas, depois das nossas conversas, eu entendi em que lugar isso me coloca. E eu disse ‘não’. Eu disse ‘não’ porque o dinheiro não vale o lugar onde eu vou parar”.

Era uma menina de 15 anos, de uma cidade do interior de São Paulo, Gabriel Monteiro. Essa menina teve consciência, porque o mundo está dizendo que ela pode dar para quem quiser, que está tudo bem. É isso que toda essa cultura está nos dizendo. E as mulheres e as meninas não estão entendendo, e os meninos não estão entendendo que isso não é sobre empoderamento, isso é sobre desempoderamento. O empoderamento é poder de escolher. Eu tenho liberdade para escolher com consciência, o poder de escolher. Então, é uma cultura que a gente vem construindo, que na verdade só está sendo reeditada. Os meninos também estão submetidos. Eu sempre digo: é uma conversa que a gente deve ter não sobre condenação de homens e mulheres, é sobre uma cultura que está sendo construída coletivamente e que a gente não está conseguindo discutir. Agora, o que a gente acredita hoje no Liberta? Prevenção. Vai resolver tudo? Não. Mas uma boa parte pode resolver.

Sérgio Rondino - Doutora Luciana Temer, mais que esclarecedora, foi atordoante a situação revelada aqui pela sua fala. Quero agradecer mais uma vez pela gentileza de atender a Fundação Espaço Democrático.

Luciana Temer - Eu é que agradeço. Como disse, foi um privilégio compartilhar esse tema com vocês.

Sérgio Rondino - Quero agradecer aos nossos companheiros, colegas que participaram aqui da reunião de hoje, e também a quem nos acompanhou até agora em mais esse diálogo no Espaço Democrático. Até o próximo, muito obrigado.



Presidente Alfredo Cotait Neto	<i>Conselho Consultivo</i>	<i>Conselho Superior de Orientação</i>
Coordenador Nacional de Formação Política Raimundo Colombo	Presidente Guilherme Afif Domingos	Presidente Gilberto Kassab
Coordenador Nacional de Relações Institucionais Vilmar Rocha	Conselheiros Alda Marco Antonio André de Paula Eduardo Pimentel Omar Aziz Otto Alencar Rafael Greca Ricardo Patah	Conselheiros Antonio Brito Carlos Massa Ratinho Junior Eduardo Braide Eduardo Cavaliere Eduardo Paes Guilherme Campos Letícia Boll Vargas Samuel Hanan Topazio Silveira Neto
Secretária Ivani Boscolo		
Diretor Superintendente João Francisco Aprá		



www.espacodemocratico.org.br